

VIOLÊNCIA REVISITADA NO CONTEXTO LITERÁRIO INDÍGENA DE LOUISE ERDRICH¹

REVISITED VIOLENCE IN THE NATIVE LITERARY CONTEXT OF LOUISE ERDRICH

Liane Schneider²

Tamara Luiza Belmont³

RESUMO: O artigo discute a temática da violência, marcada por gênero e etnia, especificamente no romance *A casa redonda* (2012), de Louise Erdrich, escritora indígena estadunidense. Com base na leitura do *corpus*, foi possível a discussão acerca dos conceitos de violência, a fim de identificar sua representação no texto enfocado. Para a discussão, as referências teóricas foram: Arendt e Cook-Lynn, entre outras. Erdrich retrata a experiência da vida em reservas, experimentada por diversos grupos nativos, mantendo os aspectos inerentes a cosmovisões pré-invasões europeias, por meio do uso de arquétipos e simbolismos da cultura oral.

Palavras-chave: Literatura indígena. Violência. Tradição. Louise Erdrich.

ABSTRACT: This article discusses violence marked by gender and ethnicity on the writings of Native American writer Louise Erdrich's *The Round House* (2012). The discussion on violence was pointed out on the proposed *corpus*, indicating that Erdrich links her female characters to symbolical violations intending to imply that violence was experienced by indigenous people widely. Throughout the novel violence against women as a social denouncement is constant, setting forth of a questioning the burden of colonialism in the Americas. The theoretical references used for discussion were Arendt e Cook-Lynn, amongst others. Erdrich keeps on her narrative the aspects of the indigenous people's world view before the European invasions using oral culture's archetypes and symbolism.

Keywords: Indigenous Literature. Violence. Tradition. Louise Erdrich.

¹ Artigo recebido em 20 de abril de 2019 e aceito em 25 de junho de 2019. Texto orientado pela Profa. Dra. Liane Schneider (UFPB). Este trabalho recebeu apoio financeiro do CNPq.

² Doutora em Letras. Professora do Curso de Graduação na área de Letras da UFPB.
E-mail: schliane@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Tradução da UFPB.
E-mail: tamarabelmont@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente texto resulta de um projeto de Iniciação Científica que desenvolvemos e que pretendeu verificar como a literatura indígena, especialmente a de Louise Erdrich, indígena estadunidense *Chippewa*, trabalha com imagens de violência (étnica, sexual), tema central ao longo da pesquisa em foco. Propomos discutir parte das referências bibliográficas utilizadas no projeto e que, idealmente, dão conta dos tópicos enfocados e abordados de forma a iluminar os sujeitos indígenas na narrativa em tela, ou seja, *A casa redonda (The round house, 2012)*, de Louise Erdrich, com tradução de Daniel Estill para a editora Alfaguara em 2014.

Dessa forma, alguns textos que foram fundamentais para a leitura crítica do romance e que fomentaram as perguntas que levantamos são os que seguem: *Representações da violência (2013)*, de António Sousa Ribeiro, com a problematização acerca da conceituação de violência; *Sobre a violência (2009)*, de Hannah Arendt; *I give you back (2006)*, artigo de Elisabeth Archuleta; *Indigenous women: the state of our nations (2005)*, de Bonita Lawrence e Kim Anderson; *Who stole native American studies? (1997)*, artigo de Elizabeth Cook-Lynn; entre outros. Esses textos foram utilizados para o aprofundamento do debate acerca de processos que influenciaram a tensão que se estabeleceu entre culturas e a representação da violência na narrativa de Louise Erdrich, sendo alguns deles discutidos ao longo do presente artigo.

Buscamos estabelecer trocas com outras leituras desenvolvidas no âmbito dos estudos indígenas e, dessa forma, fomentar as linhas de pesquisa voltadas a essas literaturas. Nossa ideia é indicar, no texto literário, de que forma o tema da violência torna-se uma constante em contextos de pós-colonização, já que as pressões e tensões do passado não foram totalmente resolvidas ou ultrapassadas e continuam presentes na vida e ficção das Américas via olhar nativo que revisita tais instâncias.

VIOLÊNCIA: CONTEXTO E CULTURA IMPORTAM

Os dois lados da família me encheram com um senso de que vivi em muitos tempos diferentes, lugares diferentes, fui pessoas diferentes. Nunca fui apenas eu mesma. Sempre estive cheia de estórias, de humor e



*de perdas. Mas, claro, somos parte dessa grande perda que ocorreu*⁴.

(Louise Erdrich)

A questão da violência é um tema controverso. Não existe uma definição definitiva e ampla do que seja a violência, já que interpretações de seu significado variam bastante em contextos geográficos e culturais diferentes. Frequentemente a violência é caracterizada pela dimensão física, ou seja, uma consequência sentida por qualquer atitude de outro que cause dor ou sofrimento físico. No entanto, é sabido que esse conceito comporta significados para além dos elementos físicos, formulando uma relação mais complexa entre agressor e vítima, que inclui as relações de poder, jogos emocionais, como sugere Hannah Arendt (2009), indo desde relações quotidianas até aquelas que acabam por servir de instrumento para a manutenção de hegemonias estabelecidas. De fato, a violência pode se manifestar das mais distintas formas, sendo, em grande parte dos casos, indissociável a violência física da psíquica, pois ambas reforçam a consciência da vulnerabilidade da vítima.

No contexto do presente artigo, é importante que se discuta a violência estrutural e a violência cultural. Em *Representações da violência*, António Sousa Ribeiro (2013, p.10) discute como Galtung se posiciona no que se refere aos dois tipos de violência acima citados, afirmando que o conceito da violência estrutural abrangeria todas as formas sistemáticas – como o nacionalismo, racismo ou sexismo, entre outras – que impedem o desenvolvimento pleno do potencial de um ser ou de um grupo humano. Podemos aqui considerar, nesse contexto, os processos de colonização das Américas que afetaram e afetam gravemente os povos nativos desde então. A complexa experiência colonial vivida nas Américas primou por cercear a identidade cultural, identitária e linguística desses povos, reverberando a afirmação acima referida de Hannah Arendt acerca da manutenção (ou conquista) da hegemonia em um contexto específico. Ao impedir de forma coercitiva que os povos nativos repassassem aos seus descendentes importantes traços culturais, proibindo-os de usar a língua de origem bem como outros elementos culturais, os colonizadores contribuíram para impedir ou dificultar a sobrevivência cultural/simbólica destes grupos ao longo dos tempos. Com esse plano de genocídio cultural, o colonizador reforçou o conceito de violência cultural cunhado por Galtung (1990), que aponta, de acordo com Ribeiro, para a violência que ocorre “de modo sedimentado, em conceitos, linguagem, religião e

⁴ Tradução de Liane Schneider para o trecho original: “Knowing both sides of my family really infused my life with a sense that I lived in many times and in many places as many people. It was never just me. I was always filled with the stories, the humor, the loss. Because, of course, we are all part of this great loss that occurred.”



simbolismos, visando neutralizar, e assim, legitimar e tornar aceitáveis formas do exercício discricionário do poder” (RIBEIRO, 2013, p. 10).

A visibilidade da literatura indígena e de estudos acadêmicos acerca dela ao longo das últimas décadas permitiu aos nativos mostrar seus pontos de vista através de suas vozes, com marcas étnicas específicas, reconstruindo com variadas nuances as histórias do mundo desde a colonização das Américas, trazendo personagens e arquétipos desses (des)encontros, obviamente marcados pelo racismo e sexismo. Neste contexto, Louise Erdrich, escritora estadunidense – por um lado, filha de mãe indígena, da tribo *Ojibwa* ou *Chippewa*, e por outro, com pai de origem alemã – tem sido largamente aclamada como uma das mais importantes escritoras dos povos nativos dos Estados Unidos da América. Em seu romance *A casa redonda* (2014)⁵, expõe a violência em várias nuances e formas, principalmente aquela que se volta às personagens femininas.

A casa redonda examina o caso de violência sexual efetuado contra Geraldine, mãe de Joe, rapaz de treze anos, o narrador da história, e diversos outros atos de violência praticados contra mulheres, explorando as dificuldades específicas enfrentadas pelas nativas e não nativas inseridas naquela comunidade tribal. O romance também discute como essas lutas decorrem de uma cultura tóxica em torno da sexualidade e das diferenças étnico-raciais. Erdrich convida seus leitores e leitoras a analisar os efeitos da colonização, com foco tanto no trauma da violência sexual, quanto no de se ter a justiça negada em vários níveis. O ponto de partida para a análise recai sobre a não existência de direitos tribais que, de fato, satisfaçam os nativos, principalmente quando as questões discutidas envolvem sujeitos brancos. No romance, Geraldine é violentada por Linden Lark, não-nativo, que também sequestra e mata a jovem Mayla. Linden Lark representa a violência causada por quem carrega um senso de superioridade racial intimamente vinculada à intolerância.

No entanto, muitos personagens masculinos do romance, tanto nativos quanto não-nativos, praticam atos violentos e reforçam estigmas das mais diversas formas; assim, Curtis Yeltow tem um relacionamento com Mayla, que é menor de idade, usando seu poder como governador para subjugar-la; Whitey, tio de Joe, bate em Sonja, sua companheira que foi *stripper*, fato este ignorado pelos demais membros da família, perpetrando não apenas a violência doméstica, mas atrelando certa inferioridade àquela mulher, o que inclusive faz com que Joe também passe a tratá-la mal. Através de Joe, Erdrich apresenta aos leitores formas pelas quais homens são levados, desde a infância, a agir de modo violento em relação às mulheres, as quais sexualizam de forma frequentemente degradante, desumana e objetificante; ao ver Sonja como *stripper*, um objeto de prazer; Mayla como a jovem que deveria ter um **dono** em hierarquia superior que poderia dispor

⁵ Ao longo do presente artigo, utilizaremos a tradução para o português, citada nas referências.



dela como desejasse, inclusive dispor de sua vida. No decorrer da narrativa, Joe tende a repetir as atitudes que causaram, indiretamente, o estupro de sua mãe.

A autora utiliza arquétipos para descrever as personagens dentro dos parâmetros da cultura, identidade e tradição indígenas. Na narrativa, Linden Lark é qualificado como *wendigo* (humano que se alimenta da carne de outros humanos) em razão dos crimes que cometeu; desta forma, ao matá-lo, Joe age de acordo com a lei tribal, mas tal ato não deixa de ser percebido também como um crime, criando certa ambiguidade em torno de temas como violência, vingança e justiça. Erdrich passa também a acolher importantes arquétipos e simbolismos da cultura oral, trazendo-os à literatura escrita, demonstrando também os efeitos do trauma cultural, social e identitário sofrido pelos nativos, hoje revisitados pelo olhar pós-colonial. Sob este aspecto, podemos observar que a narrativa de Erdrich traz à tona a narrativa do trauma, mostrando à sociedade atual que, como afirma Seligmann-Silva, "o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa" (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). Dessa forma, ao retratar a violência contra o indígena, mais especificamente contra a mulher indígena, Erdrich reconstrói e revisita de forma simbólica os traumas vivenciados pelos povos indígenas com a colonização das Américas, resgatando a memória individual e coletiva por meio da utilização das histórias advindas da oralidade e da ancestralidade, retirando a narrativa do trauma da posição de vítima e levando-a à posição de sobrevivente e resistente.

Ao longo do romance, Erdrich faz importante denúncia social, sugerindo ao/à leitor/a que a violência contra a mulher nativa é constante, que ocorre por motivos originados pela colonização, os quais ainda refletem atualmente, ainda que sob outras máscaras. Apesar de *A casa redonda* ser uma obra ficcional, os fatos narrados por Erdrich retratam a experiência da vida tribal de diversos grupos após a colonização. De acordo com dados do relatório da ONU (Organização das Nações Unidas) divulgado em 14 de janeiro de 2010, mais de uma em cada três mulheres indígenas são estupradas ao longo da vida – a violência fazendo parte de uma estratégia para desmoralizar a comunidade – ou ainda como "limpeza étnica"⁶. Nos Estados Unidos, contexto em que se passa o romance de Erdrich, a maioria dos agressores são homens não-nativos, e por causa das leis que proíbem o julgamento de pessoas não-nativas em áreas de reserva indígena, é muitas vezes impossível levá-los à justiça. Este fato reforça os conceitos de violência cultural e estrutural, demonstrando como o racismo e a opressão institucional, a longo prazo, ameaçam diretamente a segurança física dos povos nativos, em particular das mulheres nativas, suprimindo as consequências dos crimes ao deixar criminosos violentos impunes.

⁶ Ver dados no blog *Universidade Livre Feminista*, que discute os dados da ONU e aparece citado nas referências deste artigo.



VIOLÊNCIA EM FOCO EM A CASA REDONDA

A partir dos diversos textos teóricos acima mencionados, aprofundou-se o debate sobre conceitos de violência, os resultados do trauma da colonização por indígenas da América do Norte e seus desdobramentos na narrativa literária indígena moderna, sempre tendo por foco o romance *A casa redonda*, de Louise Erdrich. Em outros romances da autora, especialmente *Tracks* (1988) e *Love medicine* (1984), também reconhecemos inúmeras representações da violência perpetrada contra indígenas, especialmente a parcela feminina de tais grupos, porém, nesse momento nos deteremos apenas ao romance em tela, visando demonstrar como o trauma da colonização ainda ecoa na ficção indígena contemporânea. Ao focar a violência pela perspectiva do grupo que vivencia a realidade do trauma e da violência pós-colonial, sendo a voz narrativa e autoral indígenas, pretendemos dar visibilidade a esses lugares de elocução não como vítimas históricas, mas como subjetividades resistentes.

De fato, diversas narrativas de Louise Erdrich são permeadas por atos violentos, como estupros e homicídios. No entanto, foi possível perceber que eles não se dão de maneira isolada no desenvolvimento da narrativa. Cada ato violento tem por objetivo utilizar a simbologia que exerce através das personagens e demonstrar o círculo vicioso causado pelo trauma pós-colonial e repetido pelo uso da violência. Em *A casa redonda*, Louise Erdrich inicia sua narrativa com os desdobramentos que sucedem o estupro violento da mãe do narrador. Como na passagem a seguir:

Havia vômito na parte da frente do vestido e, encharcando a saia e o tapete cinza do carro, seu sangue escuro. (...) levantei sua cabeça e apoiei-a na minha perna. Sentei-me com ela, passando meu braço pelo seu ombro. Ela vibrava com um tremor contínuo, como se um botão tivesse sido ligado lá dentro. Emanava um cheiro forte, de vômito e de alguma outra coisa, parecia gasolina ou querosene. (ERDRICH, 2014, p.13)

A partir desse reconhecimento de uma agressão física sofrida, as demais violências praticadas dentro da área de reserva, tanto por homens nativos quanto não-nativos, aparecem atreladas a várias personagens: a que sofre o estupro, a menina menor de idade que tem um romance com um homem mais velho de forma coercitiva em razão do poder que ele possui, o nativo que pratica violência doméstica contra a companheira. E mais, o romance nos mostra, através do personagem-narrador, Joe, que à medida que este se insere no mundo adulto e se aprofunda nos assuntos da sua comunidade passa a repetir o comportamento



dos homens adultos, criando um círculo vicioso de violência que culmina com o assassinato do estuproador de sua mãe, também responsável pela morte de Mayla. Joe adverte a mãe, dizendo: "Ouça, mãe. Vou achar aquele homem e vou queimá-lo. Vou matá-lo para você. (ERDRICH, 2014, p.93). No entanto, a forma de Joe se relacionar com Sonja, companheira do tio do rapaz, nos indica a repetição do círculo vicioso de violência, pois em várias passagens ele a objetifica. Como no momento em que Sonja tenta presentear Mooshum, o avô idoso, com um show de *strip-tease* privado, sendo que Joe não aceita se retirar do quarto, chantageando a mulher:

Não vou sair. Sentei ao lado de Mooshum, em sua cama de armar baixa. (...). Saia daqui, ela ordenou. Não vou, respondi. (...). Você vai me deixar ficar aqui. Porque, se não deixar, vou contar ao Whitey sobre o dinheiro. Chicoteou-o levemente (...) e então me acertou no rosto. Quase desmaiei. Agarrei Mooshum novamente. Ele ofegava de felicidade. (ERDRICH, 2014, p.222-223)

Há uma clara simpatia e até atração de Joe pela companheira do tio, mas, quando é informado de que essa foi dançarina de bordel e descobre alguns outros segredos dela, não hesita em exercer poder sobre ela.

Contudo, vale destacar que, além de elementos de violência, há muito humor ao longo do romance de Erdrich, geralmente atrelado a mulheres mais velhas, aquelas que já viram muita coisa acontecer naquela comunidade e que conseguem, talvez devido à idade avançada e a esperteza desenvolvida, escapar das redes da violência. Provavelmente também devido à idade, essas não estão centralmente no foco da violência, pelo menos a sexual. Esse humor acaba entrelaçado com a temática da violência, trazendo à tona outra forma de abordar um tema tão complexo de forma menos estanque, indicando que há tragédia e comédia concomitantemente marcando todas as vidas. A conversa dessas senhoras traz detalhes dos temperos sexuais que antigamente vivenciavam, sem pudor nem idealização.

Eu fui casada com um índio gordo uma vez, contou para Mooshum. Sua pica era comprida, mas só a ponta da cabeça aparecia debaixo da barriga. E é claro que eu não gostava de ficar debaixo dele de jeito nenhum, com medo de ser esmagada. (...). Um dia estávamos dando no couro e ele parou. O mastro ainda estava de pé, duro como aço. (...). Não



demora e vejo que não está respirando. Está morto e longe, meu querido marido gordo. (ERDRICH, 2014, p.206-207)

Obviamente as pitadas de humor e as gargalhadas das senhoras mais velhas não conseguem romper com as tentativas de perpetuação do sistema de poder estabelecido nas relações sociais e de gênero, inclusive no que se refere a gênero, indicando o círculo vicioso que esta violência produz, mas servem, sim, como contraponto às violências e opressões impostas por estas relações sociais. O humor atrelado às histórias contadas pelas velhas senhoras é uma forma de diminuir o teor trágico da violência e da opressão à mulher, propondo uma discussão acerca destas construções sociais que colocam o sujeito feminino em um patamar inferior e contrapondo a narrativa da sexualidade (sob forma de humor) à narrativa principal do romance quanto à violência sexual.

Ao buscarmos analisar as camadas de diferentes representações da violência contra as mulheres nativas da tribo *Chippewa*, pelo menos como representadas na literatura e no romance *A casa redonda* de Louise Erdrich, foi possível identificar diferentes desdobramentos e ecos de opressões sofridas pelos povos indígenas, infelizmente aceitos frequentemente como simples elementos de manutenção da ordem social pelo olhar dominante. Vale mencionar que, por essa ordem, os indígenas encontram-se hierarquicamente abaixo dos não-nativos, homens brancos, e as mulheres nativas, abaixo de todos os estratos, em sua desvalorização social no mundo pós-colonial ocidentalizado, com base em sua etnia e sexo. Ao longo da narrativa em estudo, Louise Erdrich, ao retratar as diferentes camadas e representações da violência contra a mulher, expõe uma realidade para a qual sociedade fecha os olhos: de que o ciclo de violência é um moto-contínuo, copiado pelas gerações seguintes, de novo e de novo. É preciso identificar como violência todo ato que seja degradante, cause dor física ou psíquica, seja qual for a posição hierárquica daquele/a que sofre tais impactos. Só assim esses atos podem, de fato, ser combatidos.

Dessa forma, ao sofrer violência, seja essa qual for, a mulher indígena sente a sobreposição de outras violências. A primeira, por ser mulher, e a segunda, por ser indígena. Recai sobre ela um peso histórico, o do trauma colonial que se manifesta tanto individual quanto coletivamente; e o peso social, pois a violência, especialmente a de cunho sexual, tem o objetivo não apenas subjugar-la, ao reforçar a consciência de vulnerabilidade em que se encontra, mas desmoralizar a comunidade indígena. Andrea Smith, especialista na área dos estudos indígenas, aponta que

(...) as análises e estratégias que lidam com a violência de gênero tem falhado em abordar a forma como a violência de gênero não é simplesmente uma ferramenta do controle



patriarcal, funcionando também como uma ferramenta do racismo e do colonialismo. Ou seja, as relações coloniais são por si só gendradas e sexualizadas⁷. (SMITH, 2005, p. 1)

Nesse sentido, a consequente subjugação das mulheres indígenas é um espelho da intolerância, do racismo e do sentimento de posse por parte dos grupos dominantes, e, por conseguinte, tem por meta objetificar a mulher indígena, reforçando a ideia de superioridade racial dos sujeitos que chegaram muito mais tarde às Américas. Além disso, a impunidade que acompanha os crimes de violência - especialmente a violência sexual - gera mais um trauma: o da negação do direito à justiça, como bem retrata Erdrich, no momento que segue o estupro de Geraldine, logo que vai ao hospital buscar por ajuda:

(...) e ficamos esperando a chegada da polícia. Três homens entraram pela porta da emergência e pararam em silêncio no corredor. Um deles era da polícia estadual, outro, da polícia tribal. Meu pai insistiu que todos tomassem um depoimento da minha mãe, pois não estava claro onde o crime fora cometido - em território tribal ou do estado, ou por quem, índio ou não índio. (...) o que modificava inevitavelmente a maneira como buscaríamos a justiça. (ERDRICH, 2014, p. 18)

Neste mesmo contexto, mais adiante no romance Joe pensa sobre a justiça e a morte de Lark:

Mas decidi que não faria nada. Não vou dar nenhuma informação. (...). A morte de Lark foi uma coisa errada que atende à justiça ideal. Atravessa aquele labirinto injusto da legislação sobre os títulos de propriedade segundo o qual Lark não poderia ser processado. (ERDRICH, 2014, p. 310)

A violência, assim, tende a assumir diferentes formas. Desde a proibição frequentemente imposta pelo colonizador aos indígenas, de falar suas línguas maternas, sendo obrigados a aprender a língua deste, até a recente

⁷ Tradução de Liane Schneider para o trecho original: "(...) the analysis of and strategies for addressing gender violence have failed to address the manner in which gender violence is not simply a tool of patriarchal control, but also serves as a tool of racism and colonialism. That is, colonial relationship are themselves gendered and sexualized."



visibilidade e respeito adquiridos pelo estudo da literatura indígena no âmbito da pesquisa literária nos grandes centros acadêmicos, principalmente da América do Norte. E suprimir, cercear e impedir que a tradição e cultura dos povos indígenas sejam valorizadas se revela também como uma forma de violência contínua cujas consequências vinculam-se à manutenção da hegemonia de brancos perante os nativos, impedindo-os de manter com tranquilidade o que os define como coletividade. Tentar calar as vozes dos indígenas, reforçando estereótipos, negando a eles o direito à Justiça – na narrativa em foco a Justiça dos Estados Unidos da América que proíbe o julgamento de pessoas não-nativas em áreas de reserva indígena – mais uma vez ecoa a problematização de Arendt acerca da manutenção das hegemonias. Para tentar provar sua superioridade, o colonizador cumpriu (e por vezes ainda cumpre) o papel de opressor: seja através da forma mais clara de violência, que é a física, exercida principalmente contra as mulheres, seja por meio da negação ao reconhecimento da cultura e tradição dos povos nativos como forma válida de representação e manifestação de direitos. Calar a voz dos indígenas é uma forma repetida de violência.

CONCLUSÃO

Por meio da crescente visibilidade que as literaturas indígenas têm recebido nas últimas décadas é possível minimizar aos poucos os efeitos dessa violência histórica vivenciada, estabelecendo releituras que empoderem aqueles e aquelas que teoricamente seriam as vítimas. No entanto, ainda há muito por ser feito para que haja o reconhecimento e manutenção dos direitos dos indígenas e, por conseguinte, a gradual dissipação dos traumas que acompanharam a colonização e que estão obviamente marcados nas obras indígenas, principalmente na literatura da modernidade e pós-modernidade.

Sendo assim, foi possível discutir brevemente a relação entre as diversas conceituações de violência e como as construções simbólicas dessa se manifestam dentro da narrativa indígena contemporânea, delineando o papel e posição em que se encontra a mulher dentro desse contexto. Ultrapassamos a leitura do estupro em si no romance em foco, destacando também outras instâncias de ataque e desvalorização dos indígenas por parte de brancos e mestiços, culminando com o ataque ao símbolo maior, a casa sagrada, a casa redonda, local onde as cerimônias nativas tomavam (e tomam) lugar e onde passa a acontecer terríveis ataques à cosmovisão daquele grupo, representado na narrativa pelo estupro de Geraldine neste local sagrado.

Foi possível uma compreensão interdisciplinar acerca dos tipos de violência no texto literário, mais especificamente na literatura indígena e



narrativa contemporâneas, aqui revisitadas por uma autora nativa. A modulação dos conceitos de violência associados à violência física termina por obscurecer e dissimular os conceitos de violência estrutural e cultural. Os estudos sobre a violência são complexos, mas, no que concerne à narrativa da violência presente nos textos literários indígenas recria os lugares de fala de quem a vivenciou e vivencia, sob a perspectiva do nativo. Ao assumir o papel de narrador testemunha os nativos arcam, assim, com a responsabilidade de retratar a violência como sujeitos resistentes – e não como vítimas – que, apesar do trauma sofrido com a tentativa de genocídio – físico e cultural – mantêm traços culturais fundamentais. Isso é demonstrado ao longo do texto de Erdrich, por meio dos simbolismos, como, vale citar, a própria casa redonda, que serve de título à obra. Ela representa, inicialmente, um local construído pelos antepassados como ambiente sagrado de reunião da tribo. Com o desenvolvimento da narrativa, torna-se o lugar em que a lei tribal é desdobrada e relida; o simbolismo presente no estupro violento de Geraldine que ali ocorre, executado por um homem não-nativo, explicitamente racista e consciente da impunidade que recai sobre seus crimes contra nativos em razão da legislação estadunidense que o protege, indica uma tentativa de destacar um estupro que ultrapassa o corpo físico de uma mulher apenas. Também a utilização de arquétipos, neste caso o *wendigo*, algo equivalente a um espírito do mal, na maior parte das vezes, demonstra a estética e a dinâmica próprias da literatura indígena, apesar do peso da questão da assimilação cultural dos últimos tempos.

Com a visibilidade que a literatura indígena vem recebendo nas últimas décadas, vozes indígenas tornam-se mais valorizadas dentro do campo dos estudos literários, recebendo prêmios e reconhecimento, como é o caso da autora em questão, com brilhante e reconhecida carreira. Assim, essa voz indígena retoma para si o lugar de fala e a identificação de suas tradições, bem como os traumas e reflexos do colonialismo. Tal visibilidade é de extrema importância para os povos nativos, pois esses reassumem, dessa forma, uma força intrínseca, possibilitando que sua história, tradições, cultura e traumas sejam descritos a partir de suas cosmovisões. Da mesma forma, a literatura indígena, permeada por atos violentos (neste caso, narrativas literárias de Louise Erdrich), serve como objeto de denúncia social e cultura, na representação do nativo como indivíduo resistente, combativo, bem como destacando a negação à justiça que é imposta aos nativos nos casos em que os crimes e violências são praticados por não-nativos.

Por fim, este artigo pretendeu reforçar a importância dos estudos no campo das literaturas indígenas com o intuito de fomentar o interesse acadêmico para essa produção literária no Brasil e nas Américas como um todo, afastando essas vozes de estereótipos negativos tantas vezes reificados. Buscou-se destacar também o olhar descolonizador sobre essas obras, dando maior visibilidade às identidades nativas contemporâneas, bem como às problematizações



representada através de suas narrativas, quebrando tabus e o círculo vicioso criado pela violência imposta desde os (des)encontros coloniais.

REFERÊNCIAS

ARCHULETA, E. 'I give you back': Indigenous women writing to survive. *Studies in American Indian Literatures*, series 2, v. 18, n. 4. Lincoln, 2006, p. 88-114.

ARENDR, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BLOG UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. *Mulheres indígenas são vítimas de estupro como forma de desmoralização, diz ONU*. Disponível em: <https://feminismo.org.br/mulheres-indigenas-sao-vitimas-de-estupro-como-forma-de-desmoralizacao-diz-onu/16911/>. Acesso em: 16 mar. 2018.

COOK-LYNN, E. Who stole Native American studies? *WICAZO SA Review*, v. 12, n. 1, Minneapolis, 1997, p. 9-28.

ERDRICH, Louise. *The round house*. New York: HarperCollins Publishers, 2012.

_____. *A casa redonda*. Tradução de Daniel Estill. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____. *Love medicine*. New York: Holt, Rinehart and Winston, (1984).

_____. *Tracks*. New York: Holt, Rinehart and Winston, (1988).

GALTUNG, J. Cultural violence. *Journal of peace research*, v. 27, n. 3, Oslo, 1990, p. 291-305.

LAWRENCE, B.; ANDERSON, K. Indigenous women: The state of our nations. *Atlantis*, v. 29, n. 2, Halifax, 2005, p. 1-8.

RIBEIRO, A. de S. *Representações da violência*. Coimbra: Almedina, 2013.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista de psicologia clínica*, v. 20, n. 1, Rio de Janeiro, 2008, p. 65-82.

SMITH, A. *Conquest: Sexual violence and American Indian genocide*. Cambridge: South End Press, 2005.

_____. Native American feminism, sovereignty and social change. In: GREEN, J. (Ed.). *Making space for Indigenous feminism*. Winnipeg: Fernwood Publishing; Zed Books, 2007, p. 93-106.

